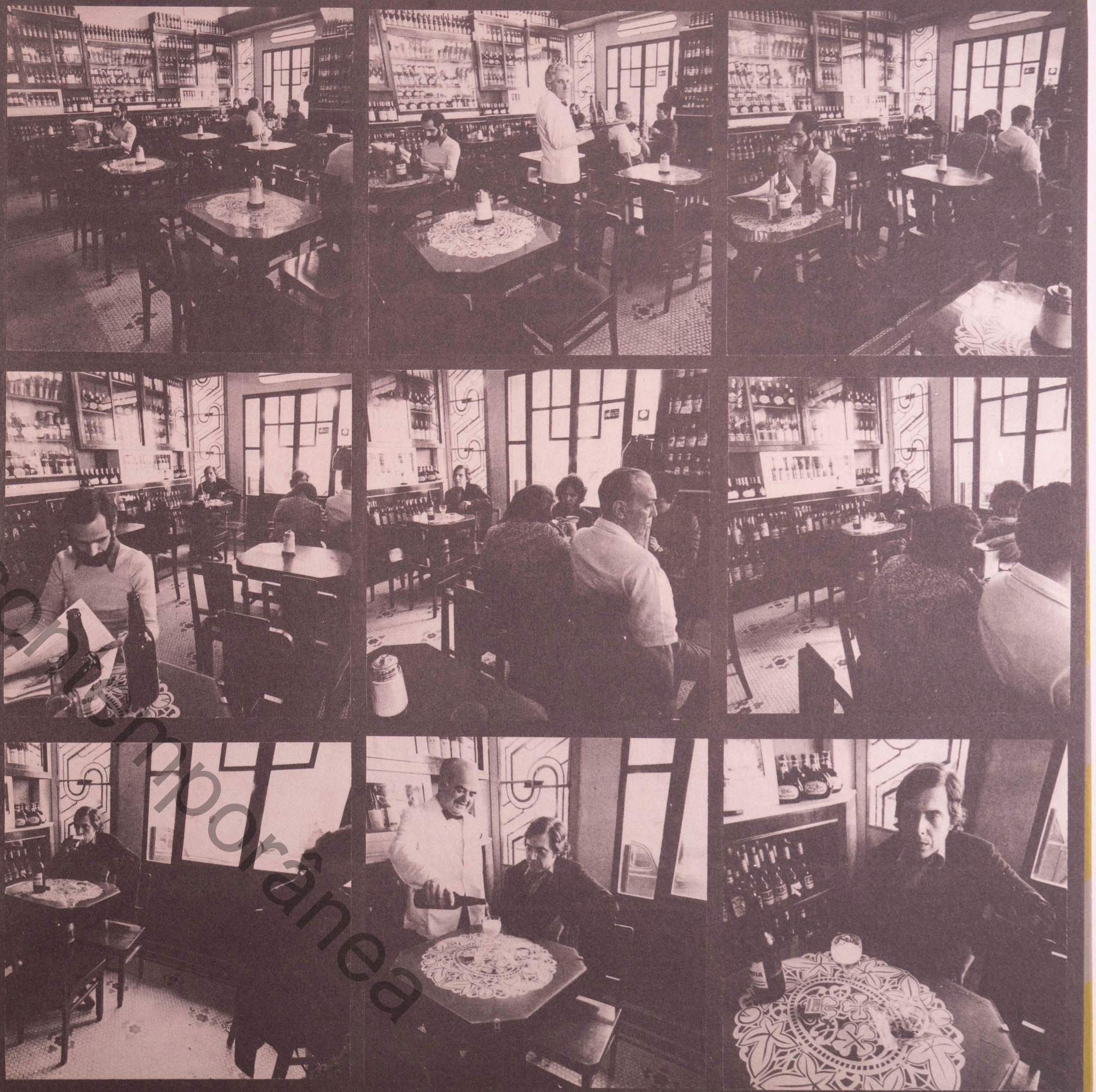


GALERIA  
ETIA  
GLOBAL

1976 • 13

Instituto de arte contemporânea

instituto de arte



comparto  
borãnea

# LUIZ AQUILA DA ROCHA MIRANDA

PINTURA

5 A 22 DE OUTUBRO  
1976

GALERIA ARTE GLOBAL  
AL SANTOS 1893 / SP

## BIOGRAFIA

luiz aquila da rocha miranda  
rio, 27 de fevereiro de 1943

1959/60 — aluno do curso de pintura  
do alisio carvão no museu de arte  
moderna, estuda desenho com tzianna  
buonazola na e.a.b.

aluno ouvinte do curso de xilogravura  
de osvaldo goeldi na escola nacional  
de belas artes.

1960 — expõe com outros 15 jovens  
artistas na mostra jovem expõe  
na e.a.b.

1962 — transfere-se para Brasília onde  
há continuidade ao seu trabalho como  
artista, dedicando-se principalmente ao  
desenho.

além disso realiza trabalhos gráficos e  
rojetos para exposições na  
universidade de Brasília e na aliança  
francesa.

1965 — com maciej babinski expõe  
desenhos e guaches na aliança francesa  
e, no rio, participa de mostra na petite  
galerie. no final do mesmo ano parte  
para aris com bolsa concedida pelo  
governo francês, ara residir e  
trabalhar na cité international des  
arts.

1966 — expõe desenhos na galeria le  
trigone em Paris com claudio  
kuperman.

no mesmo ano parte para Inglaterra.  
1967 — é concedida bolsa pela  
fundação Calouste Gulbenkian para  
portugal.

o artista trabalha em gravura em metal  
na sociedade cooperativa de gravadores  
portugueses, durante seis meses, em  
lisboa. em seguida transfere-se para  
Évora onde, a convite da fundação  
gulbenkian ministra curso de desenho  
para alunos dos últimos anos do liceu  
de Évora.

1968 — exposição individual na  
galeria III em lisboa.

1968 — retorno a Brasília como  
professor do departamento de artes  
visuais e cinema, do instituto dental de  
artes da universidade de Brasília.  
leciona desenho e plástica.

1968 — participa da bienal da bahia.  
1970 — expõe no conselho britânico  
em Brasília.

1972 — participa de representação  
brasileira na bienal quito.

1972 — expõe na galeria Bonfiglioli em  
São Paulo, apresentado pelo poeta e  
matemático Fausto Alvim Jr.

1972 — desliga-se da universidade de  
Brasília e viaja a Inglaterra com bolsa  
do British Council para trabalhar em  
metal na Slade School of Fine Art, sob a  
orientação dos artistas Stanley Jones e  
Bartolomeu dos Santos.

participa da mostra Brasil 50 anos  
depois em s.p.

1973 — participa da mostra Brasil 50  
anos depois em s.p.

1973 — exposição individual no centro  
de estudo latino americanos da  
Liverpool University.

1973 — exposição individual na  
Elveston Galerie apresentado por Vera  
Pedrosa.

1974 — expõe individualmente na  
galeria Seiquer, em Madrid.

1974 — expõe individualmente na  
galerie Debret, Paris.

1974 — retorna ao Brasil e fixa  
residência em Petrópolis.

1974 — expõe individualmente na  
galeria Grupo B, apresentado pelo  
crítico Roberto Pontual.

1975 — participa da mostra  
internacional itinerante "28 artistas del  
Brasil", organizada pelo crítico Marc  
Berkowitz, sob os auspícios do  
ministério das relações exteriores.

1975 — expõe na fundação cultural do  
distrito federal Brasília, juntamente  
com sua mulher Liz Rocha Miranda.

1975 — exposição individual no museu  
de arte de São Paulo.

1976 — participação na mostra arte  
agora no museu de arte moderna no  
rio de Janeiro.

1976 — exposição individual de 26  
têmperas sobre litografia da coleção  
Embraesp na biblioteca Mário de  
Andrade.

## APRESENTAÇÃO

(LUIZ AQUILA: 1976)

Tornava-se necessária esta exposição  
de obras recentes de Luiz Aquila.

O público já viu outras mostras do  
artista, mas a sua consciência e  
constância no ato criador valorizou-se,  
ainda mais, nesta fase 1975-1976, tão  
rica na sua gênese e indicativa de um  
futuro. Passeia-se aqui

contemplativamente, ante a expressão  
de civilização requintada, que é a arte  
da pintura, neste exemplo situada  
entre o diálogo a sós com o mundo  
(não o solilóquio) e o desafio  
prometeico da criação da vida através  
da matéria (numa luta com os  
elementos da matéria: o óleo colorido,  
em função da receptividade do ser  
humano) ou através do manejo lúdico  
e feliz da guache, quase em tom de  
exercício ou de fragmento musical.

Sua arte participa mais uma vez da  
pintura-pintura, é em parte uma  
meta-pintura.

A formação deste artista, casado com  
pintora inglesa, conduziu-o cedo a  
fixar-se numa das esferas naturais de  
ação humana: no círculo de trabalhos  
da sensibilidade, reflexos do mundo,  
simultaneamente de modo direto e por  
intermédio de contextos psicológicos.

A casa de seu pai, artista sensível e  
inteligente; amizades desde a infância,  
como as de Djanira e Tiziana; a  
atividade de juventude em contacto  
com artistas como Gastão Manue,  
Henrique e Carlos Scliar, "exemplos de  
trabalho continuado no fato plástico";  
a estada de dois anos em Paris, com  
tantas aberturas e um na Inglaterra,  
fixando sua experiência

técnico-visual, de 1965 a 1967. A  
passagem por um ano em Portugal  
(seis meses de Lisboa e seis de  
Évora), com sua inexprimível  
maturidade de paisagem humana e

urbana; uma segunda fase britânica, de  
ano e meio (1972 a 1973), tudo isso  
entrou na geração de um pintor, como  
na gesta de tantos outros artistas  
dos séculos XIX e XX brasileiros.

A França abriu-lhe o caminho maior,  
conhecendo ali alguns seres  
excepcionais no domínio das artes e  
vendo exposições no momento justo.  
Em Corneille, por exemplo,  
compreendeu a liberdade criadora e a  
passagem do figurativo ao abstrato;  
em Ceres Franco viu uma animação  
fervilhante e intelectual. A Inglaterra  
completou-lhe, por assim dizer, um  
**aggiornamento** mais pessoal das formas  
plásticas que poderiam condizer  
com a sua maneira de sentir.

O registro desse seu universo  
complexo e estético é feito no término  
— embora também ocorra no  
**processus** — da própria elaboração da  
obra, também elemento de  
conhecimento ou de sonho na raiz do  
artístico.

Os óleos da fase atual apresentam uma  
dinâmica de formas e cores  
superpostas on angulosas, em partição  
múltipla e às vezes bastante intrincada,  
de cores quentes (mais do que em  
seus períodos anteriores), em grande  
parte tudo nascendo do interior do  
pintor, de sua necessidade de  
expressar-se, e em que surgem os  
vegetais, não por definição  
representativa, mas por contingências  
expontâneas de sua visão. O vegetal  
aqui é uma memória do visto e uma  
ligação com o mundo exterior e não  
uma intenção, um "a priori". A sua

qualidade de obra se deduz dentro do  
contexto das dificuldades que essa  
representação dinâmica inclui, mas  
que em sua afirmação definitiva e  
madura, o artista enfrenta por ser a  
sua linguagem.

As pinturas mostram às vezes um ou  
vários quadros no quadro e uma  
cercadura que pode ser uma janela.  
Com mais nuance e interioridade surge  
um ritmo para-musical, de vários  
tempos, que se tornou evidente, por  
exemplo, na obra que, pelo título, Luiz  
Aquila assemelhou ao "chorinho" na  
flauta, com a quinta parte retornando à  
primeira. Como em todo dinamismo na  
pintura moderna, uma correlação pode  
ser detectada, no tocante à sua origem,  
com o futurismo italiano. Mas este  
buscou representar o movimento e  
também a civilização industrial,  
bastando isto para os diferenciar, na  
sua concretização.

Nos óleos de Luiz Aquila trata-se  
mais de compor uma "desorganização",  
onde esta última é simulada ou  
aparente, mas num "fortíssimo bem  
visível, com o seu colorido tão  
pessoal, que se harmoniza em cores  
onde a herança inglesa não está  
inteiramente ausente. O fluxo e a  
fluidez das cores, as interpenetrações  
de forma, quase recortada, são outras  
características da presença da obra  
do autor.

Essa arte de dons intrínsecos, nas  
guaches deixa um campo branco  
extenso e cria pequenos fatos  
plásticos, às vezes em zigue-zague  
como nos vegetais da pintura; não é a  
pintura-espelho, nem a pintada-drama,  
mas mesmo sendo pintura-pintura  
reflete, como vimos, elementos do  
mundo.

## CATÁLOGO

Há também a continuidade da obra e do estilo do artista, desde os seus "exercícios" europeus — na segunda fase inglesa, não longe, em vários casos, do espírito de um Klee — até o domínio dos espaços de Brasília (onde viveu) e de suas nuvens, e os recortes retangulares que configurou, o pintor, em trabalhos do início de 1973.

Caso partíssemos de Aristóteles, a meta-pintura poderia ser a manifestação da pintura em quanto é tal, em quanto **existente**, por oposição à pintura definida por seus elementos circunstanciais, de gestação, intenção e ação. Foi nesse sentido que falamos acima de **meta-pintura**, como primeiro dado para abordar a criação de Luiz Aquila e de arte deste tipo, sem nos recusarmos à verificação de que ocorrem outros modos de ser da pintura, em outros artistas e outros períodos de curta ou de longa história, incluindo-se hoje a anti-pintura, em um dos setores da vanguarda.

Nessa multiplicidade, tem seu lugar a criação tão pessoal, sensível e contida de Luiz Aquila da Rocha Miranda.

Mario Barata

### Quadros a óleo

- 01 Herr Weber Abramo tocando na flauta o seu chorinho  
109x37 cm
- 02 Pintura com Triângulo  
109x37 cm
- 03 Terraço Cruzado  
109x37 cm
- 04 Pintura com retângulo  
109x37 cm
- 05 Seis retângulos — (em 2 partes)  
parte a: 55x74 cm  
parte b: 54x37 cm
- 06 Ribeirão Dourado  
55x37 cm
- 07 Horizonte Retangular  
50x37 cm
- 08 Elevação com Bruma  
50x37 cm
- 09 Amarelo ao Fundo  
56x39 cm
- 10 Manhã Vegetal Húmida  
50x38 cm

### Guaches

- 01 Embaideirado  
36x28 cm
- 02 Frio Cortante  
36x28 cm
- 03 Vento Ascendente  
36x28 cm
- 04 Pirâmide Iluminada
- 05 Retângulo Preto com Cinza Pousado
- 06 Assanhado
- 07 Sétimo
- 08 Nuvem
- 09 Phoenix
- 10 Trajetória
- 11 Preto, Cinza e Azul
- 12 Formas Planas em Profusão Modernista

n.º 1 embaideirado  
36 x 28 cm



Instituto de arte contemporânea

Escrever  
(na vista)  
Palavras  
(tão) tangíveis

fantasia  
(real)  
poesia

Fausto Alvim

instituto de arte contemporânea



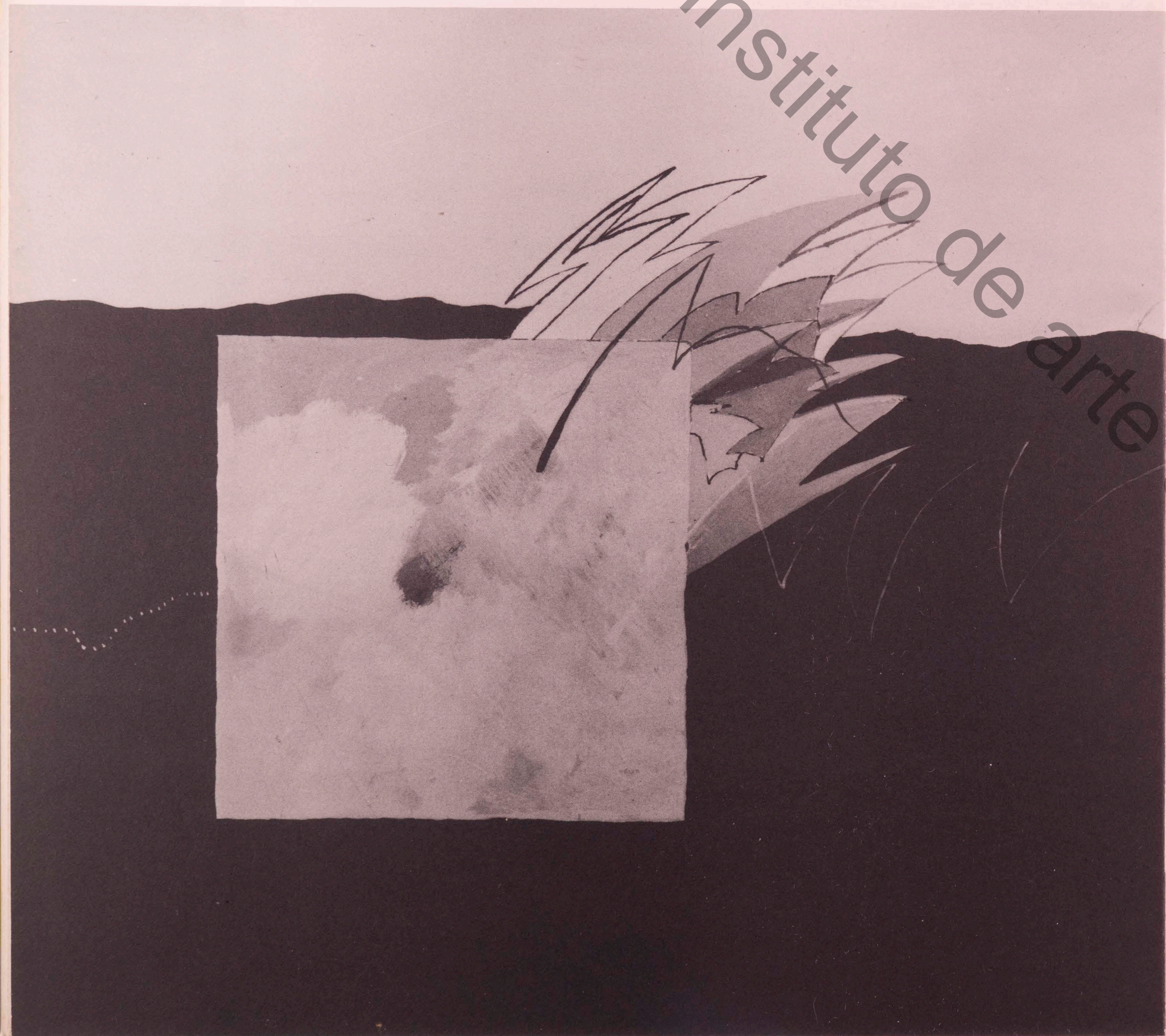
instituto de arte

n.º 2 pintura  
com triângulo  
109 x 37 cm



contemporânea

n.º 9 phoemix  
36 x 28 cm



n.º 5 seis retângulos  
a) 55 x 74 cm  
b) 54 x 37 cm





instituto de arte contemporânea

n.º 4 pintura  
com retângulo  
109 x 37 cm



Edição  
Galeria Arte Global  
Alameda Santos 1893/SP

Direção  
Franco Terranova

Direção Executiva  
Raquel Arnaud Babenco

Programação Visual  
Fernando Lemos

Gráfica Impressores/SP

Fotografia  
Romulo Fialdini

instituto de arte  
contemporânea

The image shows the front cover of a book. The cover is decorated with a pattern of diagonal stripes. The stripes alternate between a muted olive green and a light grey. A single, prominent stripe of bright yellow runs diagonally from the bottom-left towards the top-right, crossing the other stripes. The text 'instituto de arte contemporânea' is printed in a dark grey, sans-serif font, following the same diagonal path as the stripes. The text is positioned in the upper-left quadrant of the cover.

instituto de arte contemporânea